



HAL
open science

A Escola de Genebra vista pela Sociedade linguística de Paris

Pierre-Yves Testenoire

► **To cite this version:**

Pierre-Yves Testenoire. A Escola de Genebra vista pela Sociedade linguística de Paris. Valdir Do Nascimento Flores & Gabriel Othero (ed.). Saussure e a Escola de Genebra, Contexto, Sao Paulo, pp.137-154, 2023, 978-65-5541-275-8. hal-04159201

HAL Id: hal-04159201

<https://hal.science/hal-04159201>

Submitted on 11 Jul 2023

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.

A Escola de Genebra vista a partir da Sociedade linguística de Paris

Pierre-Yves Testenoire

O objetivo deste artigo é observar como o desenvolvimento da Linguística em Genebra foi recebido e avaliado pela Sociedade Linguística de Paris entre 1900 e 1940. Entre essas duas datas, o sintagma nominal “Escola linguística de Genebra” passa do indefinido para o definido, transformando uma fórmula convencional, lançada por Michel Bréal durante um jantar em 1894¹, no nome validado pelos linguistas para designar uma comunidade de pesquisadores e uma comunidade de pensamento, reconhecidas assim e dotadas, em última análise, de uma sociedade erudita e de uma revista. O período considerado é, portanto, o da emergência da Escola de Genebra até sua primeira institucionalização. Os limites cronológicos desta pesquisa correspondem a momentos cruciais para a história social da Linguística, tanto na França quanto na Suíça. Se a primeira década do século viu, em Genebra, esse momento seminal dos últimos anos do ensino saussuriano, também coincidiu, em Paris, com a ascensão de Antoine Meillet à cátedra de Gramática comparada do Collège de France e ao cargo de secretário adjunto da Sociedade Linguística de Paris (1906). Essa década inaugurou, assim, aquilo que a historiografia contemporânea costuma chamar de “reinado de Meillet sobre a Sociedade” até os anos de 1930 (Lamberterie, 2005: 41). O ano de 1940, por fim, no qual vamos parar, vê simultaneamente a suspensão das atividades da Sociedade Linguística de Paris, por causa da invasão alemã e, na Suíça, a criação da Sociedade Linguística de Genebra e de sua revista, os *Cahiers Ferdinand de Saussure*.

¹ A anedota foi relatada por Bally em 1908: “No Congresso dos Orientalistas, realizado em Genebra em 1894, e onde você [Saussure] fez uma importante apresentação, Michel Bréal, durante um jantar, lhe cumprimentou por ser o fundador de uma Escola genebrina de linguística. Lembro-me de que sua modéstia, na ocasião, acolheu essas palavras com um ceticismo sorridente.” (Meillet; Bally 2006 [1908]: 185). Como destaca Joseph (2012: 407), “o ceticismo, sem dúvida, estava lá, misturado com um certo embaraço, já que aqueles que estavam presentes de sua própria Universidade sabiam que, se fosse possível dizer que uma ‘escola’ estava sendo formada, ela não tinha quase nenhum aluno”. Os alunos de Saussure em Genebra, nos primeiros anos de seu ensino, podem ser contados, efetivamente, nos dedos de uma única mão.

1 A Sociedade e/ou a Escola

O estudo da recepção da produção linguística genebrina na França não pode prescindir das categorias “Escola de Paris”, “Escola francesa de linguística” ou “Escola linguística francesa” – os três sintagmas se recobrem – usadas para designar, justamente, a corrente da Linguística histórica, com pretensões sociológicas, que se desenvolve na França no primeiro terço do século XX. A expressão surge na esteira da ascensão de Meillet ao Collège de France. A paternidade parece pertencer aos próprios linguistas franceses: Meillet, 1906; Grammont, 1912; Gauthiot, 1914; Ernout, 1922; Cahen, 1925; Meillet, 1928; Boyer, 1936 etc. A categoria da “Escola de Paris” é retomada por aqueles que buscam se destacar dela – Sechehaye, 1927 – ou para reivindicá-la a partir do exterior – Sommerfelt, 1924 e 1932. O sucesso da expressão não garante, no entanto, sua consistência. Nas descrições contemporâneas dessa escola, os dois parâmetros geralmente tidos como definidores de uma Escola de pensamento ou de uma Escola de pesquisa – a convergência social e a convergência teórica² – se caracterizam pela instabilidade. Os princípios teóricos comuns são transmitidos em silêncio ou reduzidos a generalidades, divergentes de um autor para outro: aquilo que une os membros da escola é, para Gauthiot, “a influência de seu mestre [Saussure]”, ao passo que, para Sommerfelt é o “ponto de vista sociológico”. Quanto aos contornos sociais da escola, eles não são menos vagos. Como mostrou Savatovsky (2004), a lista dos membros varia em função dos próprios atores da escola, cada um mantendo critérios de inclusão de acordo com suas próprias estratégias de memória ou de legitimação. Em virtude dessa indeterminação conceitual e social, não usaremos a categoria de “Escola linguística de Paris”. Ainda que a validade da noção de escola linguística, em geral, e da Escola de Genebra, em particular, deva ser questionada, postular uma “Escola de Paris”, cujos contornos parecem ainda mais vagos, redobraría o problema sem esclarecê-lo. O prisma utilizado para a análise da recepção francesa da Linguística genebrina será o da Sociedade Linguística de Paris (SLP). Uma sociedade

² Cf., por exemplo, Amsterdamska (1987: 4-31); Servos (1993) e Waquet (2008: 271-81).

erudita apresenta uma vantagem empírica sobre a *escola*: a de ser observável de uma forma menos mediada. A SLP tem, de fato, membros, estatutos, um gabinete, sessões de trabalho com resenhas e órgãos de divulgação: os *Mémoires*, os *Bulletins*, uma coleção “Linguística” etc. Em relação aos contornos, necessariamente vagos, de uma *escola*, produzidos pelas representações de seus partidários, assim como de seus adversários, o quadro institucional de uma sociedade erudita apresenta, portanto, fronteiras nítidas tanto em sincronia – quem pertence e quem não pertence a tal sociedade em um momento T – quanto em diacronia – desde sua fundação até sua eventual dissolução.

Substituir a problemática da *escola* pela da sociedade erudita equivale, aparentemente, a deslocar um questionamento epistemológico para o campo social e institucional. A apreensão de um conjunto de trabalhos, dos quais se percebe uma unidade do ponto de vista da sociedade erudita que os reúne, contorna efetivamente, em parte, o problema da linha doutrinária colocada pela designação de *escola*. Os membros da SLP compartilham “regras”: são as regras dos estatutos da Sociedade. Apenas um artigo dos estatutos de 1876, em vigor para o período que nos interessa, diz respeito à orientação científica. É o artigo primeiro que estipula que “a Sociedade Linguística tem, por objeto, o estudo das línguas e a história da linguagem” e que “qualquer outro tema de estudo fica rigorosamente proibido”. Dentro desse quadro muito geral, nada determina um conjunto de postulados que os membros da Sociedade deveriam compartilhar. A partir de então, os trabalhos da SLP não apresentam nenhuma unidade teórica e, de fato, no período entreguerras, coabitaram, dentro da Sociedade, estudiosos com perspectivas tão diferentes e com divergências tão profundas como, por exemplo, Grammont e Martinet, Pichon ou Guillaume. Se os estatutos não determinam *a priori* uma linha doutrinária, é possível mapear, para cada membro, graus de integração dentro da Sociedade a partir de critérios fornecidos pela instituição: assiduidade nas reuniões, número de publicações nos órgãos da Sociedade, trabalhos citados ou listados nos *Bulletins* etc. A centralidade de um Meillet, que, durante alguns anos, se encarrega de toda a seção de resenhas dos *BSL* – chegando até a tratar de suas próprias obras – ou a marginalidade de um Pichon, que, embora membro assíduo por quase dez anos, nunca publica aí qualquer informação sobre a orientação científica da SLP. Se todos os secretários, a partir de Bréal, reafirmaram

constantemente que a SLP “não tem, em nenhum ponto, uma doutrina fixa” (Vendryes, 1955: 21), a questão da identificação da Sociedade com uma escola de pesquisa não recebe, no mesmo período, uma resposta constante. Tendo se tornado, no final da década de 1870, uma das ancoragens institucionais do pequeno grupo de comparatistas do ensino superior francês, reunido principalmente na EPHE [École pratique des hautes études], a SLP viu, até a Primeira Guerra Mundial, seus trabalhos identificados com as atividades de uma escola de Paris: “Como dirá M. Pavlovic (Instituto da língua servo-croata), em seu discurso de celebração da SLP: quando se fala da Linguística que se faz na França, não se está falando da Escola de Paris, mas simplesmente da SLP” (Bergounioux, 2005: 367). Em 1914, Gauthiot escreve naturalmente que uma das características dos membros da Escola linguística de Paris é “seu agrupamento na Sociedade linguística de Paris”. (Gauthiot, 1914: 54). Após a Primeira Guerra, a SLP – na medida de sua internacionalização e do desenvolvimento pelo mundo de outras sociedades linguísticas – rejeita, para si mesma, o termo “escola”. Foi assim que Meillet defendeu, em 1926, o abandono do sintagma “Escola francesa” que ele utilizava até então³: “Na verdade, seria bom evitar os termos: “Escola alemã” e “Escola francesa”; a ciência já sofre muito com as vaidades pessoais, que são irremediáveis, para que não se evite enfatizar oposições nacionais que podem ser evitadas e que, nessas circunstâncias, não são graves: em Linguística, os homens sempre tiveram bastante inteligência – e bom senso – para não mencionar diferenças de nacionalidade e para considerar apenas os fatos.” (Meillet, 1926-27: 65).

Às vésperas do primeiro congresso internacional de linguistas, o comparatismo francês tinha, em relação à ciência alemã, a compaixão dos vencedores. Esses são, mais ou menos, os mesmos argumentos que Vendryes utiliza, na conclusão de seu artigo de 1955 sobre a “primeira sociedade linguística”, para recusar qualquer identificação da SLP com uma escola linguística:

A atmosfera em que vivia a Sociedade era de justiça e polidez nas relações entre os confrades. Não há nada mais favorável aos interesses do trabalho científico. Graças a essa atmosfera, esse trabalho é realizado com facilidade, sem esforço e sem briga, por um bom entendimento entre pessoas de boa-fé, que colocam, acima de tudo, o amor comum pela ciência. A Sociedade Linguística de Paris, que é sem dúvida a mais antiga do mundo atualmente, não reclama para si nenhuma doutrina rígida e exclusiva. Nem

³ Cf. por exemplo, Meillet (1920: 190).

sequer ela representa uma escola linguística, a menos que se entenda, por esse nome, um simples acordo entre linguistas na busca pela verdade (Vendryes, 1955: 21).

A apresentação não dá conta nem dos conflitos teóricos, que atravessam a SLP – com o desenvolvimento da Fonologia, por exemplo (cf. Chevalier, 1997) – nem da hegemonia dentro da Sociedade de uma disciplina (a Gramática comparada) e de uma corrente filosófica (o empirismo). O irenismo aqui demonstrado por Vendryes reflete, sobretudo, a consciência que a Sociedade Linguística de Paris tem de sua primazia – ela é “a mais antiga do mundo” – e de sua centralidade. Alguns anos depois, Benveniste faz uma avaliação mais detalhada da SLP sob a administração de Meillet:

Meillet havia feito sessões da Sociedade como um prolongamento de seu ensino. Dependendo da ocasião, ele aí trazia etimologias, observações detalhadas ou apresentações gerais; e era lá que, por sua vez, seus alunos apresentavam suas próprias pesquisas, geralmente alinhadas com seus trabalhos. As sessões se tornaram, nessa unidade de inspiração, como uma segunda escola, em que muitos jovens comparatistas, e outros nem tão jovens, completavam sua formação (Benveniste, 1971: 31).

Porém, se Benveniste reconhecia que os trabalhos da SLP puderam corresponder a uma escola linguística da qual Antoine Meillet teria sido o líder foi para destacar melhor que o tempo dessa homogeneização doutrinária acabou: “Cada um de nós tem preferências doutrinárias, uma orientação pessoal. Mas não se pode sujeitar a Sociedade a isso. O papel de uma Sociedade não é ensinar uma verdade, mas, sim, encorajar a livre pesquisa [...]. Essa linha de conduta, que foi a de nossos predecessores, é mais do que nunca necessária. (Benveniste, 1971: 34).

As reconstituições de Vendryes e Benveniste, que testemunham o descrédito associado ao conceito de “escola científica” percebido como paradoxal, enfatizam a abertura da SLP em sintonia com o processo de institucionalização da ciência linguística na escala mundial (Chevalier, 2000). No entanto, a ambição federativa da SLP, que se afirma no período entreguerras, não se afasta de certa ambivalência: se ela pretendia transcender as escolas, e a Escola francesa, em particular, suas publicações identificam exatamente a Linguística que se desenvolve em outros lugares, tanto na Europa quanto no exterior.

2 Duas Sociedades irmãs?

Até 1940, a Linguística em Genebra não favoreceu ancoragens institucionais comparáveis às de Paris. Além das raras vagas oferecidas pela Universidade⁴, a Linguística, em Genebra, não se apoia em nenhuma sociedade, revista ou coleção específicas. Comparar, no período considerado, uma “Escola de Paris” e uma “Escola de Genebra” equivaleria a estabelecer uma forma de equivalência lá onde a relação, de um ponto de vista institucional, é profundamente assimétrica. As duas expressões, pela polaridade geográfica que elas induzem, estabelecem uma relação de exterioridade entre as duas. Ora, a Escola de Genebra e a Sociedade Linguística de Paris estão em uma relação de inclusão recíproca.

A estreita imbricação entre elas se observa, primeiramente, no itinerário de seus membros. Os principais linguistas associados à Escola de Genebra são membros da SLP: Bally é membro desde 1900, quando é apresentado por Saussure e Meillet. Sechehaye é apresentado mais tarde, em 1917, ou seja, um ano após a publicação do *Curso de Linguística geral*. André Burger se torna membro em 1922 e Serge Karcevski em 1925. As trajetórias desses estudiosos atestam uma circulação incessante entre Suíça e França, misturando uma hipotética linha divisória entre a Linguística genebrina e a SLP. Nos anos de 1903 e 1904, Bally fez uma temporada de estudos na EPHE, durante a qual participou assiduamente das sessões da SLP. Paul Regard, ouvinte dos cursos de Linguística geral de Saussure, continuou seus estudos na EPHE sob a orientação de Antoine Meillet. André Burger, que faz toda sua carreira em Neuchâtel, depois, em Genebra, escreve que ele deve “o essencial de [sua] formação linguística a [seu] mestre, A. Meillet” (Segre, 1985: 3). Quanto a Jules Ronjat, na qualidade de professor associado em Genebra de 1915 até 1925, ajuda Bally e Sechehaye na exploração dos manuscritos saussurianos; ele inscreve seus trabalhos, sobretudo, em Romanística e em linguagem infantil, na linha dos estudos de Maurice Grammont. As publicações testemunham também os vínculos inextricáveis entre a Linguística praticada em Genebra e a SLP: os *Mélanges de linguistique offerts à Ferdinand de Saussure*

⁴ Para saber os lugares institucionais da Linguística e da Filologia na Universidade de Genebra, entre 1872 e 1945, consultaremos Fryba-Reber (2013: 255-300).

formam, por exemplo, o segundo título da coleção “Linguística” da SLP; já o *Essai sur la structure logique de la phrase* [Ensaio sobre a estrutura lógica da frase] de Secheyay foi o vigésimo. Portanto, aquilo que prevaleceu foi exatamente a circulação entre os círculos linguísticos do período entreguerras, uma circulação encarnada pela figura de Karcevski, ex-aluno de Saussure, que foi, ao mesmo tempo, membro da SLP, membro fundador do Círculo de Praga e um dos criadores da Sociedade Linguística de Genebra.

A Sociedade Linguística de Paris, realizando verdadeiramente sua vocação internacionalista no período entreguerras, foi, portanto, de fato, constitutiva da Escola linguística de Genebra. No entanto, separou-se dela quando, em 1940, a Sociedade Linguística de Genebra foi fundada. A iniciativa partiu de dois professores da geração que sucede à de Bally e Secheyay: Henri Frei e Serge Karcevski. Este último organiza, em maio e junho de 1940, várias reuniões informais em que são discutidas apresentações linguísticas. Em 21 de dezembro de 1940, ocorreu a Assembleia Constituinte da Sociedade Linguística de Genebra. Não parece ser algo insignificante o fato de que a Escola de Genebra tenha se institucionalizado no mesmo ano em que a SLP suspende suas atividades. Nos textos que acompanham a criação da nova sociedade, os exemplos reivindicados pelos genebrinos são o Círculo de Praga e o Círculo de Copenhague, jamais sendo mencionada a SLP. É o caso, por exemplo, do levantamento elaborado por Secheyay sobre a “influência saussuriana”, no qual Paris não ocupa nenhum lugar:

Graças a Ferdinand de Saussure, o nome de Genebra ocupa um lugar de destaque na história da ciência linguística no início deste século. Sua obra póstuma, o *Curso de Linguística geral*, extraída dos cadernos de seus alunos, exerceu uma influência decisiva, cada vez maior, no pensamento de todos aqueles que se preocupam com os problemas da língua. Além disso, alguns de seus discípulos de Genebra, fortemente marcados pelo mestre, mas, por sua vez, criadores, de acordo com seus respectivos temperamentos, continuaram sua ação e foi possível se falar de uma Escola linguística de Genebra.

Porém, a influência saussuriana se afirmou em outros lugares, provocando fecundas iniciativas. Estamos pensando no Círculo de Praga, nascido em 1926, e em seus *Travaux*, escritos por uma bela falange de colaboradores, graças aos quais uma nova disciplina, muito interessante, a “Fonologia” conquistou seu lugar na Linguística moderna. Estamos pensando também no pequeno grupo de linguistas de Copenhague, que criou uma nova revista, a *Acta linguística*, sobre o programa da “Linguística estrutural” e que, ainda hoje, continua seu esforço apesar de todas as dificuldades do momento.

Não seriam esses dois movimentos, para nós genebrinos, exemplos? Foi isso que pensou o sr. Henri Frei, que, recém-chegado do Extremo Oriente, depois de uma longa estadia dedicada ao estudo e ao ensino, acaba de suceder a seu mestre, o sr. Charles Bally, na cátedra de Gramática comparada e de Sânscrito.

Sob sua liderança, os linguistas genebrinos foram agrupados, reuniões científicas foram organizadas e, em dezembro passado, foi fundada a *Société linguistique de Genebra* (Sechehaye, 1941: 175-6).

Sechehaye atribui também a iniciativa de fundar uma sociedade ao único linguista titular da Universidade de Genebra que não é membro da SLP: Henri Frei. Sua ausência na SLP provavelmente decorre da crítica muito severa que Meillet fez de sua obra *La Grammaire des fautes* [A Gramática dos erros]; Henri Frei, desde então, sempre se absteve de citá-lo (Amacker; Godel, 1980: 122).

Quando as atividades da SLP foram retomadas, em 1945, os *Bulletins de la Société de Linguistique de Paris* (doravante *BSL*) dedicaram sua primeira resenha às primeiras publicações dos *Cahiers de Ferdinand de Saussure*. Sob a pena de Marcel Cohen, a SLP deseja, então, “as mais cordiais boas-vindas à nova sociedade irmã e ao seu periódico” (SLP, 1945: 1). É, portanto, a percepção dessa irmandade, um pouco siamesa, como vimos, que nos interessa antes da conquista da autonomia em 1940.

3 A produção linguística de Genebra até 1940

Para analisar a maneira como a Sociedade Linguística de Paris concebe o surgimento dessa escola de pensamento que, em parte, abriga dentro dela, nós nos baseamos na análise da seção das resenhas dos *BSL*. O *corpus* de resenhas e obras analisadas está listado a seguir (quadro 1). Esse quadro é uma apresentação cronológica e sinóptica da produção linguística em Genebra durante o período considerado. Ele começa em 1908, quando Antoine Meillet criou a seção de “resenhas críticas” dos *BSL*; está organizado em duas colunas de acordo com os dois movimentos que atravessam qualquer escola de pensamento: um movimento excêntrico, de divergência, inerente à pluralidade dos membros que a compõem; e um movimento concêntrico, de convergência teórica. A terceira coluna contém, ao lado de cada publicação, a resenha publicada nos *BSL* com o nome do autor, o volume e a paginação.

Na primeira coluna do quadro aparecem as principais publicações individuais dos linguistas genebrinos que refletem tantas orientações científicas potencialmente diversas. O quadro, portanto, não lista todas as obras sobre Linguística publicadas em Genebra entre 1908 e 1940, mas apenas as obras ou edições de periódicos que reúnem várias contribuições de linguistas genebrinos listados nos *BSL*. Há aí livros dos linguistas trabalhando em Genebra, Charles Bally e Albert Sechehaye, mas também publicações de teses de alunos de Saussure menos conhecidos – Léopold Gautier e Paul Regard – e de alunos de Bally – Marguerite Lips, Henri Frei e Hans Adank. O livro de Karcevski sobre o *Système du verbe russe* [Sistema do verbo russo] foi levado em consideração, embora seu local de publicação seja Praga, porque seu autor já trabalhava, na época, como professor na Universidade de Genebra e porque a resenha insiste em sua filiação saussuriana. O único linguista dessa lista que não tinha contato geográfico com Genebra é o holandês Cornelis De Boer. Sua integração na “Escola de Genebra” é feita sob uma base teórica, reivindicada pelo autor em suas obras – sua *Introduction à l'étude de la syntaxe du français* [Introdução ao estudo da sintaxe do francês] é dedicada a Albert Sechehaye – e reconhecida nas resenhas dos *BSL*.

Em relação a essas produções individuais, a segunda coluna reúne, portanto, publicações, na maioria das vezes coletivas, que testemunham um movimento unitário ou concêntrico. As publicações ou atividades reunidas nessa coluna são heterogêneas e podem ser divididas em quatro categorias, quatro formas complementares de fazer escola.

A primeira envolve a constituição póstuma da figura do diretor da escola a partir de um *corpus* estabilizado de textos. Pertence a essa categoria todo o trabalho editorial em torno dos textos de Saussure: a publicação do *Curso de Linguística geral* em 1916, suas reedições em 1922 e 1931 e a constituição do *Recueil des publications scientifiques de Saussure* [Coleção das publicações científicas de Saussure] em 1922. Significativamente,

a origem comum – que os promotores da escola são escolhidos – se situa em um evento: o ensino de Saussure em Genebra. A atribuição a uma fala, muito mais do que a um escrito, em um lugar descentralizado – Genebra – e em um pequeno número de pessoas privilegiadas ativa a cisão entre o esotérico e o exotérico, consolidando a coesão do grupo.

A segunda categoria de iniciativas concêntricas consiste em reunir pesquisadores que compartilham uma comunidade de pensamento sem, no entanto, solicitar convergências teóricas em suas contribuições. Três iniciativas pertencem a essa categoria: os *Mélanges de linguistique offerts à Ferdinand de Saussure* em 1908, por ocasião de uma pequena festa que reuniu seus alunos diretos e indiretos; a organização do 2º Congresso Internacional de Linguistas em Genebra, em 1931; e os *Mélanges de linguistique offerts à Charles Bally*, em 1939, por ocasião de sua aposentadoria. Cada uma dessas iniciativas é uma oportunidade para lembrar, à comunidade erudita reunida, a identidade de uma “Escola de Genebra” (Meillet; Bally 2006 [1908]: 185; Bally, 1933: 29-30; Sechehaye 2001 [1939]: 461) e para os declarados membros dessa escola de se reconhecerem. Esse tipo de iniciativa permite ao grupo afirmar tanto sua identidade quanto sua abertura ao restante da comunidade científica, participando plenamente do sistema de dupla legitimação analisado por Olga Amsterdamska (1987: 19-27) na constituição das escolas científicas.

Uma terceira categoria de iniciativas pode ser distinguida pelo critério do grau suplementar de integração exigido dos participantes; ela reúne publicações coletivas que possuem uma convergência teórica. Para o período considerado, duas publicações se enquadram nessa categoria. A primeira é a contribuição conjunta, elaborada por Bally e Sechehaye, para a quarta questão submetida a debate no 1º Congresso Internacional de Linguistas. À pergunta “quais são os métodos mais apropriados para uma exposição completa e prática da gramática de uma língua qualquer?”, os dois linguistas respondem

com um ponto de vista unitário, expondo “as doutrinas da Escola linguística de Genebra [que] poderiam contribuir para sua solução” (Bally; Sechehaye, 1930: 36). Sabe-se, pelo testemunho de Sechehaye, que essa posição comum é o resultado de uma dura negociação entre os dois linguistas (Fryba-Reber, 2001: 443-52). Essa contribuição é excepcional nas *Actes* do congresso, primeiramente por seu carácter coletivo – é a única, junto com a do Círculo Linguístico de Praga, a ter vários signatários –, depois, por seu formato: ela totaliza 18 páginas, ao passo que as outras respostas não excedem 5 páginas. Seu papel parece decisivo na percepção de uma Escola genebrina: isso é evidenciado pela decisão de organizar o congresso seguinte em Genebra e pela propagação da expressão “Escola linguística de Genebra”, que se difunde a partir do final da década de 1920. A segunda contribuição coletiva é a artigo “Pour l’arbitraire du signe” [“Em favor do arbitrário do signo”] de 1940, assinado por Sechehaye, Bally e Frei, em resposta aos artigos de Benveniste (1939) e de Pichon (1940) publicados na *Acta linguistica*. Assim como a contribuição ao Congresso de Haia, a abordagem unitária, o título e o tom ofensivos conferem, a esse texto, o carácter de um manifesto de escola.

Finalmente, é necessário isolar uma quarta categoria que se distingue da anterior somente porque emana de uma iniciativa individual. Apenas alguns discursos ou publicações de Albert Sechehaye se enquadram nessa categoria, entre os quais se destaca o artigo “L’école genevoise de linguistique générale” [“A escola de Linguística geral de Genebra”], publicado em 1927. A partir de uma apresentação dos trabalhos de Saussure, de Bally e de seus próprios trabalhos, Sechehaye opera uma síntese doutrinária. Nessa empreitada, a heterogeneidade dos trabalhos dos três linguistas é analisada em termos de distribuição de tarefas, garantia da coerência da escola. Sechehaye insiste, particularmente, na complementaridade de sua abordagem e da de Bally: cada um estuda os fatos linguísticos “pelo lado oposto da luneta”, ilustrando, assim, “os dois polos da

linguagem”, a saber, a vida e a lógica (Sechehaye, 1927: 235). Em última análise, a Escola de Genebra se caracteriza, segundo ele, pela “união de duas tendências aparentemente contraditórias”: “aquela que considera a Linguística como uma ciência de princípios abstratos” e “aquela que visa colocar essa ciência a serviço de fins mais práticos”, notadamente, pedagógicos. (Sechehaye, 1927: 239-240). Com esse artigo, assim como com a contribuição coletiva ao Congresso de Haia, do qual foi idealizador, Sechehaye figura como um verdadeiro promotor da Escola de Genebra.

	Movimento excêntrico	Movimento concêntrico	Resenhas dos BSL
1908	Sechehaye, <i>Programme et méthode de la linguistique théorique. Psychologie du langage</i>		
		<i>Mélanges Saussure</i>	Havet T. 16, p. 21-54
1909	Bally, <i>Traité de stylistique française</i> Sechehaye, <i>Éléments de grammaire historique du français</i>		Meillet T. 16, p. 118-122
1911	Gautier, <i>La langue de Xénophon</i>		Meillet T. 17, p. 59-60
1913	Bally, <i>Le langage et la vie</i>		Meillet T. 18, p. 179-182
1916		<i>Cours de linguistique générale</i>	Meillet T. 20, p. 32-36
1919	Regard, <i>La phrase nominale dans la langue du nouveau testament e Contribution à l'étude des prépositions dans la langue du Nouveau Testament</i>		Meillet T. 21, p. 212-215
1921	Bally, <i>Traité de stylistique française</i> , 2ª edição <i>Journal de Psychologie. Psychologie du langage</i> (artigos de Bally, Lips e Sechehaye)		Meillet T. 22/2, p. 232 Meillet T. 23/2, p. 24-25
1922		<i>Recueil des publications scientifiques de Ferdinand de Saussure</i> <i>Cours de linguistique générale</i> , 2ª edição	Meillet T. 23/2, p. 52 Meillet T. 24/2, p. 8
1923	De Boer, <i>Essai de syntaxe du français moderne</i>		Meillet T. 24/2, p. 95-98
1925	Bally, <i>Le langage et la vie</i> , 2ª edição		Meillet T. 27/2, p. 14-16
1926	Sechehaye, <i>Essai sur la structure logique de la phrase</i> Sechehaye, <i>Abrégé de grammaire française sur un plan constructif</i> De Boer, <i>Essai sur la syntaxe moderne de la préposition en français et en italien</i> Lips, <i>Le Style indirect libre</i>		Meillet T. 27/2, p. 1-2 Meillet T. 28/2, p. 159-160 Meillet T. 27/2, p. 103-105 Meillet T. 28/2, p. 46-48
1927	Karcevski, <i>Système du verbe russe</i>	Sechehaye, “L'école genevoise de linguistique générale”	Meillet T. 28/2, p. 42-44
1928		Bally, Sechehaye, contribuição ao 1 ^{er} <i>Congrès International de Linguistes</i>	Meillet T. 30/2, p. 24-25
1929	Frei, <i>La grammaire des fautes</i>		Meillet T. 30/2, p. 145-149
1930	Bally, <i>La Crise du français</i>		Meillet T. 32/2, p. 123
1931		2 ^e <i>Congrès International des Linguistes</i> <i>Cours de linguistique générale</i> , 3ª edição	
1932	Bally, <i>Linguistique générale et linguistique française</i>		Meillet T. 34/2, p. 84-87
1933	<i>Journal de psychologie</i> 30. <i>Psychologie du langage</i> (artigos de Bally e de Sechehaye) De Boer, <i>Introduction à l'étude de la syntaxe du français</i>	<i>Actes du 2^e Congrès International de Linguistes</i>	Meillet T. 34/2, p. 20-26 Bloch T. 35/2, p. 86-88 Meillet T. 35/2, p. 1
1939	Adank, <i>Essai sur les fondements psychologiques de la métaphore affective</i>		Cohen T. 41/2, p. 11-12
		<i>Mélanges Bally</i>	Cohen T. 40/2, p. 7-8
1940		Sechehaye, Bally, Frei “Pour l'arbitraire du signe”	

4 As resenhas da SLP

Entre os autores das resenhas dos *BSL* reunidos na terceira coluna da tabela, o nome de Antoine Meillet é recorrente; isso não será surpresa para ninguém. “Alma da SLP” (Boyer, 1936: 196) e primeiro colaborador da seção, ele se responsabiliza por todas as resenhas durante a Primeira Guerra Mundial. Como escreve Benveniste, “a Sociedade esteve tão intimamente envolvida em sua atividade que é possível dizer que ele se identificou com ela durante 30 anos, de 1906 até 1936” (Benveniste, 1971: 27). A recepção da Linguística genebrina nos *BSL* é, portanto, em grande medida, aquela que lhe foi reservada por Meillet.

É preciso notar que as resenhas dizem respeito mais a publicações individuais do que a iniciativas coletivas. Isso se deve à seção considerada, cuja função é reagir, de acordo com a circunstância, a publicações isoladas. As resenhas constroem, portanto, um ponto de vista fragmentário e descontínuo sobre a produção linguística genebrina, percebendo, de início, a pluralidade lá onde outras seções – a dos artigos ou a das reuniões – talvez tivessem dado mais ênfase à unidade. No entanto, as iniciativas concêntricas de escola, mesmo que nem todas sejam levadas em consideração pelas resenhas, influenciam a recepção de publicações individuais. A percepção difusa de uma unidade se reflete, nas resenhas, pela recorrência de referências a outros linguistas genebrinos. As resenhas raramente relacionam os trabalhos dos linguistas em um plano horizontal – há uma única referência aos trabalhos de Sechehaye nas resenhas dos livros de Bally, por exemplo (*BSL* 27/2, p. 45) – mas, sim, sempre em um plano vertical, em termos de filiação. Meillet, por exemplo, nunca deixa de lembrar que Bally, Sechehaye, Gautier ou Regard são os alunos de Saussure ou que Henri Frei e Marguerite Lips são os alunos de Bally. Quanto ao reconhecimento de uma “Escola de Genebra”, aparece explícito nas resenhas dos *BSL* em três ocasiões: em 1927, quando Meillet fala de um “grupo de linguistas genebrinos”, incluindo Bally e Sechehaye (*BSL*, 27/2, p. 45); em 1928, a propósito de Marguerite Lips, que, escreve Meillet,

“diz pertencer à Escola genebrina” (*BSL*, 28/2, p. 46); e, em 1931, a respeito da primeira publicação dos *Travaux du Cercle Linguistique de Prague*. Esta última recensão é reveladora dos conflitos determinantes aos quais o sintagma “Escola de Genebra” dá, então, origem. Muito positiva – se excetuarmos a crítica de “pedantismo” das teses do Círculo, que Meillet considera “cansativas” –, a resenha termina com esta constatação: “As ideias que inspiram o grupo vêm da Escola genebrina que se originou a partir do ensino de F. de Saussure, tal como é conhecido através dos cursos publicados após a morte do mestre” (Meillet, 1931: 18). Troubetzkoy lamenta, em sua correspondência, que o CLP seja assimilado “pura e simplesmente à Escola de Saussure”, sobretudo, porque ele critica severamente “o rumo tomado pela atividade de seus alunos” (2006: 287, 348). De fato, sob a pena de Meillet, “Escola genebrina” não designa nem os linguistas de Genebra nem seus trabalhos; ou, então, apenas seus trabalhos editoriais em torno do ensino de Saussure. Na verdade, “Escola genebrina”, aqui, é equivalente a *Curso de Linguística geral*.

É na resenha das *Actes du deuxième Congrès International de Linguistes* que Meillet reconhece, pela única vez, explicitamente, uma especificidade da Linguística desenvolvida em Genebra:

O primeiro congresso de linguistas, convocado pelo Sr. Schrijnen, havia se mostrado tão útil que os linguistas responderam com entusiasmo ao convite dos linguistas genebrinos, discípulos de F. de Saussure. O congresso por eles preparado teve, desde o início, um caráter novo e original. Em certo sentido, ele dava continuidade ao primeiro, cuja característica marcante havia sido que a Gramática comparada das línguas indo-europeias – que, em quase toda parte, ocupa um lugar predominante nos estudos de Linguística histórica – não estava aí em primeiro plano. Em Genebra, em grande parte pela influência dos organizadores, as apresentações mais numerosas e, muitas vezes, mais marcantes foram sobre Gramática geral. A palestra do príncipe Troubetzkoy sobre Fonologia causou forte impressão. Estamos felizes em ver com que consciência e habilidade os linguistas genebrinos deram um panorama exato de um congresso que foi notavelmente rico e variado. Essa é a impressão que tiveram os que participaram desse congresso (*BSL*, 35/2, p. 1).

A especificidade dada aos discípulos genebrinos de Saussure foi a de acelerar a ascensão, iniciada em Haia, de uma Linguística geral. Meillet, sobretudo, concebe, no campo linguístico, uma relação entre dois termos: a *Gramática comparada* e, aqui, a *Gramática geral*, que substitui e é usada no lugar do sintagma “Linguística geral”, promovido no congresso, sem que seja

possível identificar se a substituição é indiferente ou se ela contém uma crítica velada⁵. Ora, o discurso inaugural de Bally – transcrito nas atas do congresso que Meillet leva em consideração – distingue três tendências na Linguística de sua época: (1) a pesquisa sobre as línguas do mundo, trazida ao congresso de Haia por Antoine Meillet; (2) a descrição fonológica das línguas; (3) “o sopro da espiritualidade [que] anima a Linguística hoje” e que a Escola de Genebra pretende encarnar (Bally, 1933: 30). Dessas três tendências – Paris, Praga, Genebra, se quisermos localizá-las – Meillet retém apenas duas e cita, para a corrente geral, a Fonologia de Troubetzkoy e não os esforços dos genebrinos para fazer da Linguística “uma ciência do espírito”.

No que diz respeito, por fim, às publicações individuais, é possível destacar, para além das observações induzidas pela especificidade de cada obra, algumas características constantes da recepção dos trabalhos genebrinos. Nenhuma dessas publicações pertence à Linguística histórica; até mesmo os livros de Regard sobre a *koinè* são recebidos como um trabalho de “Linguística sincrônica” (*BSL* 21, p. 213).

Acima de tudo, todas – ou quase todas – se relacionam com o francês contemporâneo. Ora, como observou Claire Blanche-Benveniste, em um estudo sobre o lugar da Linguística do francês nos *BSL* (2005: 187-207), as resenhas de Meillet sobre a língua francesa são quase sistematicamente negativas⁶. A produção genebrina não é exceção a essa severidade. Apenas Bally goza de relativa clemência: seu *Traité de stylistique française* [Tratado de estilística francesa] é bem recebido, “ele inaugura”, segundo Meillet, “uma nova ordem de pesquisas da qual devemos esperar um rejuvenescimento científico” (*BSL*, 16, p. 118). A recepção reservada

⁵ A favor da segunda hipótese, podemos citar um texto contemporâneo em que Meillet escreve sobre o *Ensaio de Semântica* de Bréal e sua reabilitação da Gramática geral dos Ideólogos: “o livro poderia parecer reacionário em 1897; hoje, algumas das tendências atuais se juntam a ele, em parte com menos exatidão e precisão. Se o livro teve grande sucesso em sua época, parece que, agora, não o lemos tanto quanto deveríamos. O racionalismo de Bréal sem dúvida desagrada os inovadores que colocam os fatos afetivos em primeiro plano” (Meillet, 1932: 289). Difícil não ver, nessa última frase, uma alusão a Bally.

⁶ Essa severidade deve ser relacionada com o projeto de uma obra sobre a língua francesa em que Meillet trabalhou no final da década de 1910 e no início da década de 1930: “Nos últimos anos de sua vida, ele [Meillet], muitas vezes, havia mantido seus amigos em um projeto de livro sobre o desenvolvimento da língua francesa. Essa obra teria formado uma espécie de tríptico com aquelas que ele havia escrito sobre o grego e o latim. Ela seria o painel central. Meillet seguiria a história da língua francesa até a época contemporânea. É um arrependimento amargo que tenha faltado tempo para que ele produzisse tal obra, que teria sido tão rica em lições sobre o passado e o presente da língua francesa” (Vendryes, 1937: 27). Os esboços manuscritos desses projetos foram encontrados e publicados por Granucci em 1992.

para as obras seguintes é mais comedida, mas ainda mostra a originalidade da abordagem de Bally. Os trabalhos de Secheyay, em contrapartida, quase não despertaram interesse: suas obras de 1908 não foram levadas em consideração nos *BSL*, e as de 1926 foram apenas objeto de resenhas apressadas. De uma maneira geral, Meillet aponta, entre os genebrinos, problemas de método na descrição do francês contemporâneo. A necessidade de “delimitar o objeto estudado” (*BSL*, 24/2, p. 95) – isto é, de hierarquizar e de determinar, geográfica e socialmente, os dados – está na base de uma parte das críticas dirigidas ao livro *Linguistique générale et linguistique française* [Linguística geral e Linguística francesa] de Bally, à obra *La grammaire des fautes* de Frei e aos trabalhos sobre sintaxe de De Boer. Essa crítica, contudo, não é reservada aos genebrinos: ela é a grande falha que Meillet denuncia nos trabalhos de seu tempo sobre a língua francesa. No entanto, também há traços constantes nas resenhas que parecem específicos da recepção da Linguística genebrina.

Primeiramente, a lembrança recorrente de uma filiação saussuriana, mas cuja contribuição conceitual se reduz sempre à única distinção diacronia/sincronia. A menção a esse princípio compartilhado é, por vezes, acompanhada de críticas, em relação à descrição linguística praticada pelos genebrinos, de um sincronismo intransigente que não levaria em conta as contribuições da Linguística histórica. Assim, Meillet faz uma objeção a Bally, dizendo que “não há necessidade de ignorar a história da língua para dar um relato exato de seu presente, talvez, o contrário” (*BSL*, 18, p. 181). A mesma reprovação é dirigida à obra *La grammaire des fautes*: “Frei está muito preocupado em reagir contra os procedimentos da Linguística histórica para analisar, com precisão, os fatos dos quais ele se vale” (*BSL*, 30/2, p. 148).

Outro traço específico da recepção da produção genebrina é a crítica sistemática de desenvolvimentos caracterizados negativamente como “filosóficos”, “lógicos” ou “abstratos”. Assim Meillet escreve que Bally, “desenvolveu em demasia princípios de Filosofia corrente menos originais do que suas ideias sobre a Linguística” (*BSL*, 18, p. 180); Secheyay é criticado por “digressões filosóficas inúteis para o gramático” (*BSL*, 27/2, p. 1); Karcevski por um “vocabulário lógico e matemático, muitas vezes cansativo” (*BSL*, 28/2, p. 42); Frei por “frases vagas cheias de termos abstratos” (*BSL*, 30/2, p. 149); De Boer por “divisões de ordem psíquica

(ou lógica), [e] não de ordem linguística” (*BSL*, 27/2, p. 104). A crítica da abstração encontra traduções precisas na análise das descrições linguísticas propostas. Meillet expressa, assim, em várias ocasiões, seu desacordo com uma abordagem linguística que se funda, por princípio, na atividade psicológica e não na expressão linguística:

Bally acredita que, para conseguir estudar a linguagem como meio de ação e meio de expressão, seria preciso partir “do pensamento e da vida”; só poderemos perceber os resultados que obteríamos uma vez que tal estudo seja feito. Receia-se que ele seja muito difícil e que as conclusões careçam de precisão. A conferência de Bally expressa, desse ponto de vista, apenas um desejo, nem sequer fornece, a rigor, um programa de pesquisas (*BSL*, 18, p. 181).

Entre um linguista que pensa como De Boer e um linguista que pensa como eu, há um mal-entendido inicial. “Para os linguistas”, escreve De Boer, “para quem, nas línguas, as funções desaparecem com as formas, todo este capítulo será quimérico” (p. 35). Mas eu acredito que esse mal-entendido seja muito mais verbal do que real. A Linguística não tem que fazer uma teoria da realidade, nem mesmo do modo como o homem concebe a realidade. Basta considerar a expressão recebida, nas línguas, das realidades e das concepções. Que se parta da expressão linguística para examinar seu sentido ou do sentido para examinar sua expressão linguística, isso é uma questão de procedimento. É possível, dependendo do caso, ser vantajoso operar de uma forma ou de outra; isso não muda em nada o fato de que o único objeto da Linguística é a expressão dada pela língua às concepções (*BSL*, 27/2, p. 103).

Nem o ângulo da expressividade, caro a Bally, nem o das estruturas lógicas subjacentes à língua, buscado por Sechehaye e De Boer, agradam a Meillet. Consequentemente, ele também rejeita tanto a explicação por elipse, proposta por Bally – para as frases exclamativas como *Le pauvre homme!* [O pobre homem!] (*BSL*, 27/2, p. 45) –, quanto as distinções, feitas por De Boer, no sistema preposicional do francês, que não têm correspondência morfológica (*BSL*, 27/2, p. 103-5). Partir dos fatos linguísticos e não do pensamento, do signo e não do sentido: essa é a lição que Meillet oferece, várias vezes, em suas resenhas.

Por fim, “a Escola linguística de Genebra” é, do ponto de vista da SLP, uma expressão com um referente bastante indeterminado. Ela aparece, nos *BSL* do final da década de 1920, na esteira do primeiro Congresso Internacional de Haia, para designar algo nebuloso – incluindo tanto os que são de Genebra quanto os de Praga –, que se reúne em torno de um critério principal: citar ou discutir o *Curso de Linguística geral*. Quanto ao resto, se, em Paris, o grupo social dos linguistas de Genebra está bem identificado,

nenhuma unidade teórica lhe é atribuída de início. A divisão das resenhas de seus diferentes trabalhos traz à tona as duas características que lhes estão atreladas: por um lado, a abordagem sincrônica; por outro, a apreensão da língua como uma “operação do espírito” (Bally, 1933: 30), o que Meillet compara à “Gramática geral”. Ao criticar a falta de imanência de suas abordagens linguísticas, Meillet percebe o paradoxal saussurianismo dos dois editores do CLG, que a historiografia⁷ colocou em destaque, e que é, em grande parte, tributário de contatos com a Linguística e com a Psicologia alemãs, independentes do ensino saussuriano.

BIBLIOGRAFIA

Fontes primárias

As resenhas dos *BSL* mostradas na Figura 1 não são retomadas na Bibliografia.

BALLY, Charles. Discours d’ouverture. In: *Actes du deuxième congrès international de linguistes* : Genève, 25-29 août 1931. Paris: Maisonneuve, 1933. p. 29-30.

_____; SECHEHAYE, Albert. Quelles sont les méthodes les mieux appropriées à un exposé complet et pratique de la grammaire d’une langue quelconque?. In: *Actes du premier Congrès international de linguistes à La Haye*: Du 10–15 avril 1928. Leyde: Sithoff, 1930. p. 36-53.

BENVENISTE, Émile. “Allocution de la célébration du centenaire de la SLP”. *BSL*, Paris, v. 66, n. 1, 1971, p. 19-34.

BOYER, Paul. “Antoine Meillet. L’homme et le savant”. *Revue des études slaves*, v. 16, 1936, p. 191-8.

CAHEN, Maurice. “Festskrift tillägnad Hugo Pipping på hans sextioårsdag den 5 november 1924”. *BSL*, Paris, v. 26, n. 2, 1925, p. 162-73.

COHEN, Marcel. “Cahiers Ferdinand de Saussure 1 et 2”. *BSL*, Paris, v. 42, n. 2, 1945, p. 1-2.

ERNOUT, Alfred. “J. Vendryes. Le langage. Introduction linguistique à l’histoire”. *Journal des savants*, v. 20, n. 3, 1922, p. 134-6.

GAUTHIOT, Robert. “Ferdinand de Saussure (1857-1913). Notice”. *Bulletin de l’Association des élèves et des anciens élèves de l’École Pratique des Hautes Études* (Section des Sciences historiques et philologiques), Paris, 1914, p. 49-55.

GRAMMONT, Maurice. “Mélanges linguistiques offerts à M. F. de Saussure. Compte rendu”. *Revue des Langues Romanes*, v. 55, 1912, p. 387-9.

MEILLET, Antoine. “Hirt H. Des indogermanische Vokalismus”. *BSL*, Paris, v. 22, 1920, p. 190-2.

_____. L’état actuel des études de linguistique générale. In: _____. *Linguistique historique et linguistique générale I*. Paris: Hachette, 1921 [1906].

_____. “Stolz-Schmalz, Lateinische Grammatik”. *BSL*, Paris, v. 27, n. 2, 1926-1927, p. 61-70.

⁷ Cf. Regard, 1982; Fryba-Reber, 1994; Chevalier, 1999; Amacker, 2000.

- _____. Avant-Propos. In: _____. (Org.) *Étrennes de linguistique offertes par quelques amis à Émile Benveniste*. Paris: Geuthner, 1928. p. 5-7.
- _____. "Travaux du cercle linguistique de Prague, 1929". *BSL*, Paris, v. 31, n. 2, 1931, p. 18-20.
- _____. La grammaire comparée au Collège de France. In: LEFRANC, Abel et al (Eds.). *Le Collège de France (1530-1930)*. Paris: PUF, 1932. p. 279-89.
- _____; BALLY, Charles. "Allocutions prononcées le 14 juillet 1908 à l'occasion de la remise à Ferdinand de Saussure des mélanges de linguistique". *Cahiers Ferdinand de Saussure*, Genève, v. 59, 2006 [1908], p. 179-85.
- SECHEHAYE, Albert. "L'école genevoise de linguistique générale". *Indogermanische Forschungen*, v. 44, 1927, p. 217-40.
- _____. "Allocutions prononcées le 1er juillet 1939 à l'occasion de la remise à Charles Bally des Mélanges linguistiques". *Cahiers Ferdinand de Saussure*, Genève, v. 54, 2001 [1939], p. 559-62.
- _____. "Les sociétés savantes. La Société Genevoise de Linguistique". *Revue universitaire suisse*, Suisse, v. 15, n. 3, p. 175-7.
- _____; BALLY, Charles; FREI, Henri. "Pour l'arbitraire du signe". *Acta linguistica*, Budapest, v. 2, 1940-1941, p. 165-9.
- SOMMERFELT, Alf. "La philosophie linguistique française. Réponse à M. Hjalmar Falk". *BSL*, Paris, v. 25, n. 1, 1924, p. 22-33.
- _____. La linguistique, science sociologique. In: _____. *Diachronic and Synchronic Aspects of Language: Selected articles*. La Haye: Mouton, 1966 [1932]. p. 36-51.
- TROUBETZKOY, Nicolaï. *Correspondance avec Roman Jakobson et autres écrits*. Lausanne: Payot, 2006.
- VENDRYES, Joseph. "Antoine Meillet". *BSL*, Paris, v. 38, n. 1, 1937, p. 1-42.
- _____. "Première société linguistique. La Société de linguistique de Paris (1865-1955)". *Orbis*, v. 4, 1955, p. 7-21.

Fontes secundárias

- AMACKER, René. "Le développement des idées saussuriennes chez Bally et Sechehaye". *Historiographia Linguistica*, v. 27, n. 2, 2000, p. 205-64.
- _____; FOREL, Claire; FRYBA-REBER, Anne-Marguerite. "Les Cahiers Ferdinand de Saussure des origines à nos jours". *Cahiers Ferdinand de Saussure*, Genève, v. 50, 1997, p. 341-60.
- AMSTERDAMSKA, Olga. *School of Thought: the Development of Linguistics from Bopp to Saussure*. La Haye: Mouton, 1987.
- BERGOUNIOUX, Gabriel. "La Société linguistique de Paris (1876-1914)". *BSL*, Paris, v. 92, n. 1, 1997, p. 1-26.
- _____. "La Société de linguistique de Paris dans son histoire". *BSL*, Paris, v. 100, n. 1, 2005, p. 359-90.
- BLANCHE-BENVENISTE, Claire. "La place de la langue française dans les Mémoires et le Bulletin de la Société de linguistique de Paris". *BSL*, Paris, v. 100, n. 1, 2005, p. 183-223.
- CHEVALIER, Jean-Claude. "Troubetzkoy, Jakobson et la France, 1919-1939". *Cahiers de l'ILSL*, v. 9, 1997, p. 31-43.
- _____. "Albert Sechehaye, pédagogue et théoricien". *Cahiers Ferdinand de Saussure*, Genève, v. 52, 1999, p. 69-81.
- _____. Les congrès internationaux et la linguistique. In: AUROUX, Sylvain (Ed.). *Histoire des idées linguistiques* 3. Liège-Paris: Mardaga, 2000. p. 517-28.
- FRYBA-REBER, Anne-Marguerite. *Albert Sechehaye et la syntaxe imaginative*. Genève: Droz, 1994.
- _____. "De la cohésion et de la fluidité de la langue. Textes inédits (1908-1943) de Charles Bally et d'Albert Sechehaye". *Cahiers Ferdinand de Saussure*, Genève, v. 54, 2001, p. 429-87.
- _____. *Philologie et linguistique romanes*. Institutionnalisation des disciplines dans les universités suisses (1872-1945). Leuven-Paris: Peeters, 2013.

- GRANUCCI, Fiorenza. "Complementi a 'Pour un manuel de linguistique générale' di Antoine Meillet". *Studi e saggi linguistici*, v. 32, 1992, p. 13-232.
- JOSEPH, John E. *Saussure*. Oxford: Oxford University Press. 2012
- LAMBERTERIE, Charles de. "La grammaire comparée des langues indo-européennes dans les MSL et le BSL des origines au règne d'Antoine Meillet". *BSL*, Paris, v. 100, n. 1, 2005, p. 17-44.
- REDARD, Georges. "Charles Bally disciple de Ferdinand de Saussure". *Cahiers Ferdinand de Saussure*, Genève, v. 36, 1982, p. 3-23.
- SAVATOVSKY, Dan. "Comment faire école? (Saussure à Paris, II)". *Cahiers Ferdinand de Saussure*, Genève, v. 56, 2004, p. 311-26.
- SEGRE, Cesare. "In memoriam André Burger". *Cahiers Ferdinand de Saussure*, Genève, v. 39, 1985, p. 3-8.
- SERVOS, John W. "Research Schools and their histories". *Osiris*, v. 8, 1993, p. 3-15.
- WAQUET, Françoise. *Les enfants de Socrate*. Filiation intellectuelle et transmission du savoir. xviii-xxie siècle. Paris: Albin Michel, 2008.